

Marcelo Medeiros *

A farsa "O Baú, O Presidente E Seus Porquinhos" encena o mais puro estilo do atual governo: a ação entre amigos e satisfaz as exigências da legislação de incentivo à cultura, apresentada e sancionada pelo Presidente Sarney.

Poucos se espantariam no Brasil se o apresentador de TV Silvio Santos reivindicasse agora os benefícios da Lei Sarney para se ressarcir das quantias gastas com a obtenção das legendas para a sua candidatura e a de seu vice, sepultadas com asco pelo plenário do Tribunal Superior Eleitoral, que, por unanimidade e com o lenço no nariz, demonstrou ser do tamanho do Brasil, muito maior que o Maranhão.

O ex-candidato a candidato exerce com competência a função de animador de TV — o que não deixa de ser uma atividade cultural — foi convidado para o espetáculo pelo senador Hugo Napoleão, ex-ministro da Educação, sob a produção e direção do presidente Sarney, autor da lei, e o papel secundário de dois senadores da República: o Lobão, cupincha maranhense, e o Gadelha, artista com a versatilidade de ter representado entre os autênticos do MDB e proposto a prorrogação do mandato do presidente Figueiredo...

Apesar dos fortes indícios, não se tem certeza se os artistas receberam o cachê, mas é incontestável que a peça teve significativo valor didático para o público-eleitor que no dia 15 devolverá a lição. O 2º ato da farsa também terá seu desfecho final na Justiça. É o processo também iniciado pelo presidente Sarney contra o candidato Collor, tentando enquadrá-lo no Código Eleitoral pelos crimes de calúnia e injúria. A linguagem panfletária, antijurídica usada na petição inicial, com a finalidade de influenciar o juiz, não impressiona a opinião pública.

Solidarizando-se com as denúncias de que o presidente Sarney está "envolvido em corrupção, em falcaturas, em ladroagem", o eleitorado de Collor lhe telegrafou reconhecendo que ele "fez o que o país inteiro gostaria de ter feito". A três dias das eleições, somente três candidatos parecem ter condições de chegar ao 2º turno: Collor, Lula e Brizola. Os dois últimos programas do TSE hoje e o debate à noite, no SBT, dificilmente modificarão a tendência do teleleitor, a



Sarney exibiu na TV o elogio que recebeu de Collor

ponto de incluir na final Covas e Maluf. Mesmo tendo crescido muito nas pesquisas, Covas não conseguiu repercussão na grande massa do eleitorado. Sua campanha foi projetada de cima para baixo. Deu certo em cima, na *intelligentzia*...

Maluf, que reduziu a menos da metade sua taxa de rejeição e difundiu uma imagem de competente, se obtiver o apoio de Silvio Santos, vencerá em São Paulo, transformando-se no favorito das eleições, ano que vem, para o Governo do Estado. Brizola radicaliza contra Sarney e Collor para atingir o 2º turno. Enfático, no último debate pediu o voto útil contra Collor e despediu-se emocionado, com o comentário de Maluf: "Vote em Brizola, senão ele chora".

Sua campanha não conquistou novos eleitores. O que explica seu estacionamento nas pesquisas. Insistiu na mesma linguagem antiquada e sem objetividade. Repetiu os mesmos slogans, os mesmos jingles e projetou no vídeo as mesmas cenas de Cieps. Brizola "é isso aí" repete um anúncio da Coca-Cola de 20 anos atrás. A reedição da campanha de 82, e das anteriores, poderá levá-lo ao 2º turno, mas, para vencer no 1º, precisa se atualizar.

Preferiu nesta última semana moderar sua plataforma: "terra aos sem-terra, mas sem invasão"; do que polemizar com Lula, de bote armado no seu calcanhar. Para disputar o voto útil da esquerda, é urgente criar, até quarta-feira, um fato político que o faça distanciar-se comodamente do candidato do PT, com quem está tecnicamente empatado.

Lula, sem desenvoltura para liderar a esquerda brasileira, superou a atrofia do sindicalismo nacional, identificou-se como candidato popular e impôs sua legitimidade nas pesquisas para receber os votos conseqüentes do eleitorado de esquerda. Seus últimos programas capitalizam a miséria do povo: "A única possibilidade de colocar um prato de comida na mesa de cada trabalhador brasileiro é acabar com os privilégios daqueles que podem comer muito. Essas mãos não devem servir apenas para produzir o pão que eles comem, o leite que eles bebem, o carro em que eles passeiam. Essas mãos devem servir para que a gente vote na gente".

Afirmando que "Brizola não tem autoridade moral para unir as esquerdas", conclama "o voto útil dos socialistas, comunistas e trabalhadores" para concluir: "É a hora de lavar a nossa alma, é a hora de fazer valer a nossa força." Nos últimos 60 dias, enquanto Brizola, com variação de três pontos, sobe e desce nas pesquisas, Lula subiu 100%. Para disputar com Collor basta manter o pique ascendente.

Em primeiro lugar, de junho até hoje, Collor consolidou a liderança e deve chegar na frente. Sarney lhe deu de presente, nesta reta final, a sua inimizade pública. E precisa mais?... Reconhecendo a vitória da Collor, critica o ministro da Justiça, Saulo Ramos: "Ele é como a caixa-preta dos aviões. Só se conhece o conteúdo depois do desastre"...

* É jornalista, ex-deputado federal e analista de campanhas eleitorais desde 1970.